

O FILHO DO SOL. UMA LENDA BRASILEIRA

Alfred Reitz*

Ainda nenhum homem branco havia pisado nesta terra lendária que, de acordo com antigos saberes, despontava muito ao longe das águas azuis do Atlântico. E, no entanto, vivia nos navegantes da península Ibérica a crença em um novo mundo. Seus olhos sempre se dirigiam para a infinita imensidão resplandecente do oceano, cujas águas, de acordo com uma crença muito difundida à época, desapareciam no fim do mundo, engolidas por profundezas aterradoras. O medo de ser tragado por esse redemoinho, sempre detinha, mesmo os mais destemidos dentre os navegantes, de aproximar-se do fim do oceano. Voltavam sem conseguir seu objetivo, quando não sumiam para sempre. Mas a intuição, sustentada por uma memória lendária, voltava a empurrar homens destemidos para a infinita imensidão do oceano. Os indícios de que ali deveria existir um novo mundo se avolumavam, embora muitas vezes a imaginação se apoderasse deles, interpretando-os a seu modo.

Quando os portugueses pisaram pela primeira vez nas ilhas dos Açores, acharam numa delas uma figura de granito. Seus braços abertos apontavam para ocidente como se quisessem indicar um caminho. Um dia, as ondas do Atlântico arrojaram à praia de uma das ilhas os cadáveres de dois homens, que não pertenciam nem à raça européia, nem à africana. Da existência de homens de pele vermelha o mundo ainda não tinha notícia.

Um navio de construção estranha, meio caravela, meio navio mercante, aportou um dia a um porto da costa portuguesa. Vindo do norte, tinha atravessado o golfo da Biscaia numa viagem tempestuosa e difícil.

---- 0 ----

Rochas imponentes, cíclopes empilhados, protegiam a terra do mar. Diante delas estendia-se, cintilante, a praia. A maré forte empurrava as ondas praia acima, arrebatando-as nos rochedos e jogando para o alto a espuma branca. O mar ainda não se havia acalmado da tempestade do dia anterior.

A figura de uma moça alta e robusta sobressaía à beira do mar. Sua pele cor de cobre brilhava com os raios do sol nascente. Uma fita prendia-lhe os longos cabelos negros e identificava-a como ainda virgem. Aqui, na baía protegida, o mar encapelado perdia a violência. A jovem tirou a tanga feita de fibras de palmeira. Com um grito alegre atirou-se à onda que crescia e, em sua crista, deixou-se carregar pelo mar em direção à praia. Mergulhou ligeira, voltou ofegante à superfície e, de novo,

* Tradução de Karola Zimber; revisão de Celeste Ribeiro de Sousa. Reitz, Alfred. Der Sohn der Sonne. In: *Serra-Post-Kalender*. Ijuí, Löw, 1949, p.203-207.

deixou-se carregar até a praia. Repetiu a brincadeira até que uma onda a jogou longe na praia. Sacudiu-se e, no último segundo, agarrou a tanga que a água ameaçava levar. Já decidida a tomar o caminho de casa, seu olhar ficou preso a um quadro estranho.

Um lenho roliço e comprido tinha sido empurrado pelas ondas até a praia. Pareceu-lhe haver agarrado a ele um ser humano. Com passos flexíveis dirigiu-se para lá, mas recuou espantada. Será que era um ser humano? - A curiosidade levou-a a chegar cada vez mais perto, até que, superando qualquer sentimento de medo, ficou ao seu lado, observando-o com crescente admiração. O cabelo daquele ser parecia tecido de raios do sol, sua pele era clara como a luz da lua cheia. Uma ferida comprida entreabria-se na testa. Dela gotejava sangue vermelho vivo, ele vivia. E, então, ele abriu os olhos. Admirado, observou a jovem cor de cobre inclinada sobre ele. Talvez tenha pensado que era um sonho. Fechou os olhos de novo.

Correndo, Iracema voltou para a aldeia que ficava na mata bem perto da praia. Os homens vieram rápido e levaram o homem branco para a cabana de seu pai, o cacique dos manaus. Quando Piay, o pajé e curandeiro da tribo chegou para olhar o estrangeiro, ele estava consciente, deitado numa cama de peles. Ao seu lado, Iracema estava ajoelhada, estancando com ervas o sangue da ferida da testa.

“O filho do sol”, como os manaus chamavam o estrangeiro, era o único sobrevivente do navio, que, na noite da tempestade, se despedaçara nos rochedos. Um furacão havia frustrado a descoberta de um novo mundo. O estrangeiro recuperou-se rapidamente sob os cuidados dedicados de Iracema, e logo os guerreiros, que iam à caça, puderam vê-lo sentado em baixo da mamuraana, diante da cabana do cacique. Perto dele, Iracema tecia uma esteira. De tempos em tempos pegava do casco de tartaruga a seu lado uma folha verde escura e brilhante. Ele mastigava-a e cuspi-a em seguida, como lhe mostrara a filha do cacique. Estas folhas tinham um efeito estimulante. E suas faces pálidas aos poucos foram ganhando cor e o azul forte de seus olhos ficou mais intenso. Eram olhares invejosos os dos jovens guerreiros que contemplavam os dois. Pois cada um deles esperava conquistar a filha do cacique, para mais tarde também se tornar cacique da tribo. O mais invejoso era Isahan, o filho do pajé que, depois do cacique, era o homem mais poderoso da tribo. Isahan queixou-se ao pai que "o filho do sol" devia ter enfeitiçado a filha do cacique. Que ela lhe dava as folhas de “kolari” para mastigar e colhia para ele os frutos da mata. Piay prometeu ajudar o filho. Depois do pôr-do-sol, o som surdo dos tambores chamou os homens para o conselho. Sentaram-se num largo círculo ao redor do fogo, que ardia sob a mamuraana. Cabaças cheias da bebida levemente inebriante feita de “carú” circulavam. Num assento elevado estava Jagoarary, o cacique dos manaus. Um cinto largo, recoberto com os dentes de inimigos mortos, adornava-lhe os quadris. Ao seu lado estava acorçada sua filha Iracema que, como herdeira do respeito devotado ao cacique, tinha assento e voz entre os guerreiros. Seu olhar era sombrio, sabia o que essa reunião

significava. Era sobre o “filho do sol”, seu destino devia ser decidido hoje. Não que algo de mal lhe fosse acontecer. Sua pessoa era sagrada, havia sido enviado pelos deuses, nenhum manau arriscaria pôr as mãos nele. Mas o astucioso Piay tinha elucubrado um outro meio para afastar o estrangeiro de Iracema. Mandava o costume na tribo dos manaus que, para as viúvas da tribo, fosse indicado um marido, cuja obrigação era manter a ordem na família e ser seu chefe. Como compensação, era este dispensado dos trabalhos comunitários, bem como das expedições de guerra e de caça e era sustentado pela tribo. Um dia antes de Iracema ter encontrado o estrangeiro na praia, o marido das viúvas havia falecido. A tribo ainda não tinha escolhido um sucessor.

O pajé foi o último a chegar à reunião. Atrás dele as seis viúvas da tribo, que se acoraram no chão a alguma distância. O pajé apresentou sua proposta: as viúvas da tribo exigiam o “filho do sol” para marido, os guerreiros que decidissem.

Iracema ergueu-se. Seus olhos faiscavam furiosos para o poderoso e astucioso pajé.

„Por você fala Ahanga o espírito do mal. Não foi às viúvas que o “filho do sol” foi enviado; Tupan, o espírito do bem enviou-o a mim. Fui eu quem o achou. Se Tupan tivesse outro desejo, teria permitido que as viúvas o achassem“.

Em silêncio os guerreiros olharam para o cacique, que devia decidir. Depois de curta reflexão, ele virou-se para a filha e disse: „Chame-o aqui, que ele escolha“. Murmúrios de aprovação dos guerreiros acompanharam a decisão.

Guiado por Iracema, ele entrou no círculo. Era uma cabeça mais alto que os guerreiros manaus. O cabelo loiro caía-lhe até os ombros, a barba arruivada cobria-lhe a face. A ferida da testa havia sarado, só uma cicatriz cor de sangue havia ficado. Era Iracema que, usando uma eloqüente linguagem de sinais, procurava fazê-lo entender o que dele pretendiam. Pegou-o pela mão e levou-o até as viúvas que, diante dele, se estenderam ao comprido no chão. Em seguida, apontou para si mesma e, diante dele, se estendeu no chão. O estrangeiro compreendeu que devia decidir entre as viúvas e Iracema. Pegou a filha do cacique pelos braços e ergueu-a. Jagoarary assentiu serenamente, concordava com a escolha.

Nisso, o pajé também se ergueu e falou. Se o estrangeiro era um enviado dos deuses, então que matasse a pantera negra, que já vitimara vários guerreiros da tribo. Só um guerreiro valente poderia ser cacique dos manaus. Um murmúrio dos presentes aprovou as palavras do pajé. A pantera negra! Nenhum dos guerreiros tinha até então conseguido matar a fera com suas armas primitivas. Os que tinham tentado haviam morrido na empreitada. Novamente foi Iracema quem fez o estrangeiro entender o desejo do conselho. Buscou na cabana uma pele de jaguar, as armas de seu pai e pôs tudo a seus pés. Apontou a mata, rosou e bufou como um gato, pegou a machadinha de pedra e fez o gesto de matar. O estrangeiro entendeu o que dele exigiam. Hesitante, sopesou a leve machadinha de pedra, testou o arco que mal sabia manejar. Com um aceno de cabeça indicou sua concordância.

No dia seguinte, foi visto ocupado em separar do mastro quebrado que o tinha levado até a praia as peças de ferro. Levou uma semana para com elas forjar uma comprida lâmina de lança. Acompanhado de cinco guerreiros pôs-se a seguir o rasto da pantera negra. Passaram-se dias e dias, até que voltaram. Numa vara comprida carregada por dois guerreiros vinha a pele da onça negra que, atingida pela lança do "filho do sol", tivera que abandonar a vida...

Um ano depois, lá estava Iracema sentada debaixo da mamaurana coberta de flores, embalando em seus braços uma criança de cor clara: o primeiro brasileiro.